

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal de Brasília*

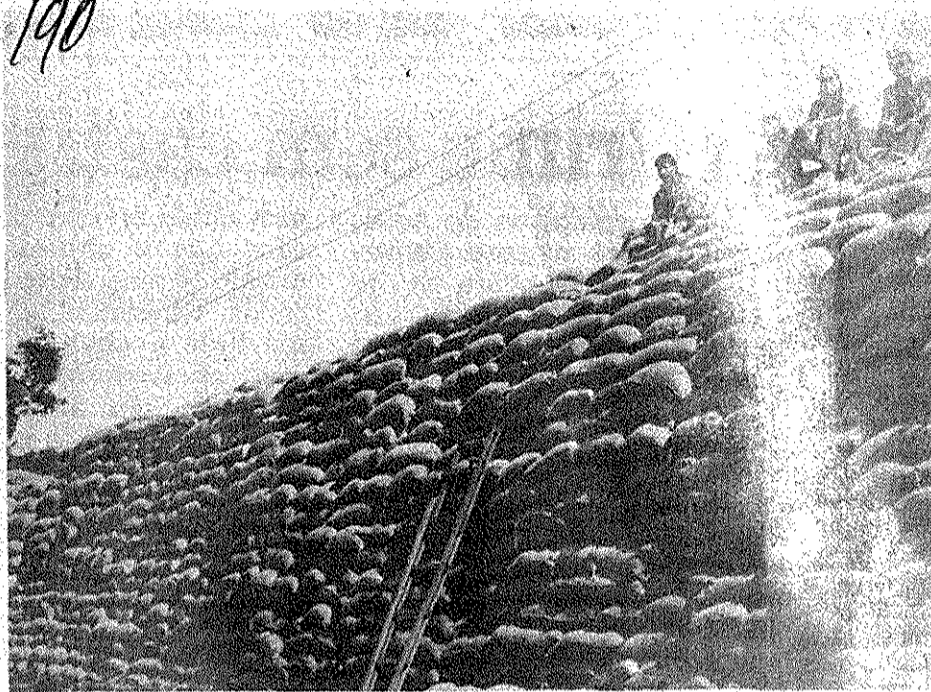
Class.: 59

Data: 14.06.80

Pg.:

Xavantes colhem 7 mil sacas de arroz

190



Com a nova safra os xavantes pretendem ampliar sua reserva

Com uma safra de sete mil sacas de arroz e esperando a alta de preços nos mercados de Goiânia e Barra do Garça (MT), os xavantes de Areões, no município de Barra do Garça pretendem ampliar a reserva para os limites naturais: BR-080 (Brasília-Manaus), rios água Suja e Areões. Caso os objetivos sejam alcançados, a confederação xavante, antigo sonho destes índios, será possível, pois assim Areões e Parabubure serão unificadas. Desde a década de 40 os xavantes foram separados em reservas entre as quais cresceram fazendas e cidades.

Mas a luta pela terra ainda não começou. Eles estão agora preocupados com a comercialização do arroz. São sete mil sacas empilhadas ao lado da garagem, na entrada da reserva. Do alto das sacas os xavantes se mostravam orgulhosos. Além da safra de Areões, a Funai espera uma produção total de 40 mil sacas de arroz este ano, meta que deverá ser atingida somando-se às safras das demais comunidades.

Este arroz será estocado em Xavantina, distante 135 quilômetros da aldeia, e em setembro, espera o cacique Adão e o chefe do posto Davi Rocha, "o preço do arroz vai estar mais alto". Nesta época, os xavantes venderão a safra em Goiânia ou Barra do Garça. O preço atualmente é de 350 cruzeiros o arroz quebrado e 550, o arroz inteiro. Dentro de três meses, a saca do arroz inteiro poderá ser comercializada por 900 cruzeiros.

Num futuro breve, espera o coronel Ivan Zanoni, diretor do Departamento Geral de Planejamento Comunitário da Funai e que ontem visitou a reserva de Areões, o arroz produzido pelos índios poderá ser exportado pelo rio das Mortes. Isto ocorrerá, explicou Zanoni, depois que a Hidroelétrica de Tucuruí estiver concluída e com a construção de outras barragens no rio Araguaia. Com as barragens, o rio das Mortes será navegável até 100 quilômetros depois de Barra do Garça e daí o escoamento da produção será feito através de um porto a ser construído em Xavantina. A produção será exportada para Belém e para o exterior.

Enquanto esperam que a cidade de Xavantina se torne um importante centro exportador, os xavantes de Areões pensam em comprar gado que já lhes foi oferecido por um fazendeiro da região e tornar a comunidade independente economicamente, a exemplo dos índios parakatégé, do Pará, que comercializam a castanha. Paralelamente, eles vão começar a reivindicar uma ampliação da reserva para seus limites naturais.

Discriminados pela sociedade envolvente (Xavantina, Nova Brasília e Barra do Garça), por apresentarem como característica cultural um sistema econômico diferente do nosso, os xavantes de Areões estão mostrando que índio não é preguiçoso, adjetivo frequentemente usado para qualificar os índios. E o cacique Adão mostrou-se descontente com seus irmãos de São Marcos que se preocupam muito mais em pedir dinheiro quando "a terra é mais importante". Adão prefere não começar a brigar agora com a atual administração da Funai. Disse ele que o coronel Nobre da Veiga prometeu fazer "muita coisa e nós vamos esperar". Se as promessas não forem cumpridas aí é outra história. Adão é antigo funcionário da Fundação Brasil Central e quando se iniciou um movimento dissidente em São Marcos dando origem à atual reserva de Areões, ele pediu suas contas da Fundação e foi chefiar seu grupo.

A comunidade de Areões não enfrenta nenhum problema de epidemia no momento. Há uma pequena farmácia que serve à aldeia e eles esperam que o pedido de medicamentos chegue esta semana. A escola funciona em quatro turnos e pela manhã cerca de 40 crianças frequentam as aulas. Há também turma para alfabetização dos adultos. Toda esta tranquilidade bem como o êxito da produção de arroz eles creditam ao ex-chefe da Ajudancia de Barra do Garça, Odenir Pinto de Oliveira e não se conformam com seu afastamento, pois "Odenir nasceu no meio dos xavantes, em Kuluene".

Embora não haja epidemia de doenças, ontem foi internado no Hospital de Xavantina um índio de 45 anos. Ele está com câncer e já foi desenganado pelos médicos de Brasília. Para o internamento do índio toda a comunidade participou da decisão de tirá-lo ou não de Areões. Depois de decidirem, o cacique comunicou ao coronel Zanoni que o doente deveria ir para Xavantina e não para Barra ou Brasília. Seu internamento ocorreu ao meio-dia e duas horas depois mais de dez índios chegavam à cidade prestando solidariedade ao companheiro.

Com o internamento, o coronel Zanoni foi obrigado a formalizar um convênio, já planejado, entre a Funai e o Hospital de Xavantina que está funcionando graças a dois médicos recém-formados que chegaram na cidade em abril e encontraram o hospital fechado, sem qualquer equipamento. O doutor Paulo Fernando Marques, que de agora em diante, vai atender todos os xavantes e funcionários da Funai e espera receber pelo menos alguns lençóis e remédios.